



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS

LUANA COSTA DE MORAES

DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS" E "O QUINZE":
UM RECORTE LITERÁRIO DAS MARCAS DE GÊNERO SOB A ÓTICA FEMINISTA.

ARAGUAÍNA – TO

2019

LUANA COSTA DE MORAES

**DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS" E "O QUINZE":
UM RECORTE LITERÁRIO DAS MARCAS DE GÊNERO SOB A ÓTICA FEMINISTA.**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína - TO, Curso de Licenciatura
em Letras – Português, para obtenção do título de
graduado e aprovada em sua forma final pelo Orientador
e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus

ARAGUAÍNA - TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M827d Moraes, Luana Costa de.
DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS* E *O
QUINZE*: : UM RECORTE LITERÁRIO DAS MARCAS DE GÊNERO SOB A
ÓTICA FEMINISTA. / Luana Costa de Moraes. – Araguaína, TO, 2019.
39 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.
Orientadora : Andrea Martins Lameirão Mateus

1. Literatura. 2. Feminismo. 3. Gênero. 4. Direitos. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUANA COSTA DE MORAES

DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS" E "O QUINZE":
UM RECORTE LITERÁRIO DAS MARCAS DE GÊNERO SOB A ÓTICA FEMINISTA.

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína - TO, Curso de Licenciatura
em Letras – Português, para obtenção do título de
graduado e aprovada em sua forma final pelo Orientador
e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão
Mateus

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, UFT (orientadora)

Profa. Ms. Lianja Soares Aquino

Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho

Profa. Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca, UFT

Araguaína – TO
2019

*Aos meus pais, Dona Ilda e Seu Chicó,
lavradores, analfabetos e apaixonados, que
me deixaram o bem mais precioso, a
educação.*

O.D.C.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Andrea Martins Lameirão Mateus, a moça dos olhos meus, por ter abraçado este trabalho tornando-o possível, através de suas orientações e conversas descontraídas que me rederam muito aprendizado e admiração.

Agradeço também a Eleuda de Carvalho, minha deusa do agreste, professora e amiga, por quem tenho grande apreço e admiração, por ter me ajudado a estabelecer este tema e ter sido minha cúmplice durante a graduação.

Agradeço também a Vilma Nunes, a criatura das ondas douradas, professora com quem trabalhei durante quase toda a graduação, sendo responsável por boa parte da minha formação profissional e pessoal.

Agradeço ao meu companheiro, Léo, por todo apoio e carinho durante esse processo: “o meu amor é alto. É negro, tem os olhos esverdeados. Tem cabelos encaracolados. Tem mãos e pés fortes. Tem a pele macia e cheiro de lar”. (Trecho de *Existência*, poema em sua homenagem).

FIGHT LIKE A GIRL
(Lute como uma garota)

E se viu no meio de um navio naufrago
Agarrou-se no mastro com seu filho único
Ponderou o nado num fôlego curto
E atirou-se nas tábuas como se fosse um barco

Velejou como se fosse pirata
Agonizou como se fosse lúcida
Desistira na primeira penumbra
Não atirou a bala de canhão que faria estrago

Vira na proa perninhas curtas
Vira nas cordas mulheres altas
E tropeçou no alvo como se fosse estrábica
E repensou sua força crua

Mulheres e crianças são as primeiras a conhecer a dor
Mulheres são as primeiras a aprender a lutar
E numa vida violenta
São as primeiras que desistem de afundar

Releitura de minha autoria, do poema *Cartilha da Cura*, de Ana Cristina César e *Construção*,
de Chico Buarque.

RESUMO

Este ensaio crítico tem como finalidade investigar as marcas de gênero presentes em duas importantes obras literárias: *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1839), de Nísia Floresta e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, pertencentes, respectivamente a dois movimentos literários no Brasil: o Romantismo, do século XIX, e o Modernismo, do século XX. Para a realização desse ensaio, utilizamos duas teorias que auxiliaram a pensar as questões propostas: uma abordagem comparatista auxiliada pela crítica feminista sob uma perspectiva de gênero. A justificativa deste trabalho é a necessidade de pensar o movimento feminista no Brasil por todos os vieses que lhe possam dar credibilidade, assim, traçamos um percurso da literatura brasileira entre o Romantismo e o Modernismo, sob uma perspectiva de gênero, realizando um estudo comparado dessas obras literárias. Dentre os principais objetivos destacam-se: estudar o movimento romântico e o movimento modernista no Brasil a partir de uma escrita feminina; pontuar os principais acontecimentos que impulsionaram a insurgência das mulheres na literatura brasileira; e fazer um estudo comparado entre as obras aqui mencionadas. Consultamos, para a pesquisa, a obra de Sandra Nitrini “Literatura Comparada, História, Teoria e Crítica”, de 1997, além disso temos os trabalhos alentados sobre Nísia Floresta de Constancia Lima Duarte (2010) e Paulo Margutti (2019), e sobre Rachel de Queiroz por Angela Harumi Tamaru (2004), Edmilson Caminha (2010), Miriane da Costa Peregrino e Victor Hugo Adler Pereira (2012). Os resultados obtidos são um recorte desses movimentos a partir da ótica feminista, em prol de ampliar os trabalhos a respeito desse tema, amplificando a visibilidade da literatura feminina e as conquistas de espaços feita pelas mulheres escritoras do século XIX e XX.

Palavras-chaves: Literatura Feminina. Feminismo. Literatura Comparada. Direitos das Mulheres. Literatura Brasileira

ABSTRACT

This critical essay aims at investigating gender marks present in two important literary pieces: *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens [The Rights of Women and the Injustices of Men]* (1839), by Nísia Floresta e *O Quinze [The fifteen]* (1930), by Rachel de Queiroz, belonging, respectively, to two literary movements in Brazil: the Brazilian Romanticism of the 19th century and Modernism in the 20th. To support our work, we have used two theories in order to think about our proposed intent: a comparatist approach and feminist criticism in a gender perspective. We justify this work by the necessity of thinking about the feminist movement in Brazil from all the perspectives that could give credibility to it, therefore, we traced a historical line from the literary schools between Romanticism and Modernism, comparing two literary works. Our main objectives were to study women writing in Romanticism and Modernism in Brazil; to point out the main events that promulgated women writing in Brazilian literature; to trace a comparative reading of the works mentioned above. We have consulted, for this research, Sandra Nitrini's work on Comparative Literature. On Nísia Floresta, Constancia Lima Duarte (2010) and Paulo Margutti (2019), and, on Rachel de Queiroz, Angela Harumi Tamaru (2004), Edmilson Caminha (2010), Miriane da Costa Peregrino and Victor Hugo Adler Pereira (2012). Our results are shown from a feminist perspective, aiming at amplifying the visibility of the topic and of women's literature, as it conquered spaces from the 19th to the 20th centuries.

Key words: Women Literature. Feminism. Comparative Literature. Women's rights. Brazilian Literature

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	NÍSIA E RAQUEL, AS MULHERES DO AMANHÃ	13
2.1	Nísia Floresta Brasileira Augusta	13
2.2	Rachel de Queiroz	16
2.3	Como a educação tornou-se um âmbito feminino	18
2.4	Literatura e feminismo: os anseios presentes nas obras do século	21
3.	ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS	23
3.1	Os movimentos românticos e modernistas, no Brasil	23
3.2	Nísia Floresta: o manifesto da educação feminina	26
3.3	Rachel de Queiroz: o manifesto da liberdade literária	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio crítico, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português, tem como finalidade investigar as marcas de gênero presentes em duas importantes obras literárias, *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de Nísia Floresta e, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, pertencentes, respectivamente a dois movimentos literários no Brasil: o Romantismo, do século XIX, e o Modernismo, do século XX; a partir de uma ótica feminista, considerando que o século XIX pode ser considerado o século dos homens e, o século XX o século das mulheres.

No Brasil do século XIX, apesar de serem fruto de inspiração para grandes obras e autores, as mulheres não tinham o pleno direito à literatura. Conforme Antônio Candido, a literatura tem de ser vista como um direito básico do ser humano:

“portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. (CANDIDO, 1995, p. 191).

Boa parte das obras redigidas por mãos femininas eram podadas de serem publicadas, ou publicadas através de pseudônimos masculinos, como a escritora brasileira Nair de Tefé (1886-1981) que publicava através do pseudônimo Rian, notemos que é seu nome de trás para frente. Já no século XX, podemos situar conquistas de autonomia política e econômica das mulheres; as mulheres saíam desse quadro de inspiração e passavam a redigir também as linhas que constituiriam a literatura brasileira, dentre esses e outros acontecimentos, como por exemplo, o direito ao voto, nos anos 30, davase início ao século das mulheres.

Trazer parte dessas obras à tona necessitaria de um estudo quase que arqueológico, e fora do escopo deste trabalho. Ainda assim, nos últimos 50 anos surgiram trabalhos alentados sobre a escrita feminina, como o trabalho de Constância Lima Duarte sobre Nísia Floresta, e mais recentemente, no ano 2000, o trabalho de Zahidé Lupinacci Muzart, que trouxe à tona diversas autoras do século XIX, de quem até então não se tinha conhecimento. Sendo assim, a

base deste ensaio será duas obras redigidas por mulheres, uma do século XIX, e outra do século XX.

Para a realização desse ensaio crítico, portanto, utilizaremos duas teorias que auxiliarão a pensar as questões propostas: uma abordagem comparatista entre esses dois momentos da literatura brasileira, o Romantismo e o Modernismo, a partir das escritas de duas autoras separadas por um século, Nísia Floresta no Romantismo, e Rachel de Queiroz no Modernismo. E, para este fim, adotaremos os procedimentos técnicos de uma “pesquisa bibliográfica”, aquela onde, parafraseando o autor Gil (2000), é uma pesquisa elaborada a partir de diversos materiais que já foram publicados, como livros, artigos e, materiais disponíveis na internet, como vídeos, etc. Utilizaremos o método comparatista, porque esse método nos proporciona estabelecer um diálogo intertextual, ler uma coisa pela outra, fazendo conexão entre ambas.

Serão utilizados da literatura comparada e da crítica feminista, com uma nova perspectiva e um olhar crítico de uma escritora do século XXI, neste caso, a autora deste texto. Conforme Nitrini (1997), a literatura comparada não se resume ao método comparativo, por ser ele comum a muitas outras áreas do conhecimento, consistindo assim num estudo das obras levando em consideração seus antecedentes, suas relações com a história política e das artes, em diferentes épocas, ou literaturas, que apresentam ideias, temas ou relações comuns, evoluindo no tempo e espaço. A literatura comparada vai muito além dessa definição, nos permitindo fazer inferência entre assuntos e obras que não foram relacionadas antes, como é o caso deste ensaio.

A necessidade de fazer tais estudos deu-se durante uma aula de Literatura Brasileira do século XIX, onde foi notada a ausência de escritoras mulheres dentre os autores escolhidos para estudar tal matéria, a ilustre professora da disciplina também havia notado esta ausência, e tentara driblar a opressão do século, buscando escritoras para apresentar aos alunos. Foi aí então que tomamos conhecimento de Nísia Floresta. É preciso pensar o movimento feminista no Brasil por todos os viés que lhe possam dar credibilidade. A luta das mulheres pelos seus direitos deu-se em vários campos: social, político, literário, etc. Todos esses cenários interligam-se, de modo que a luta pelo direito à literatura pode ser chamada de um movimento político-social-literário, visto que a opressão é uma construção social, regada pelas leis burocráticas da política e incompreensões da elite.

Neste campo, ser uma mulher e estudar a literatura sobre mulheres, escrita por mulheres; nos traz uma maior significância de representatividade. Embora Nísia Floresta, em seu manifesto, dirija-se aos homens e acadêmicos para sensibilizá-los quanto à condição excludente

da mulher, há a necessidade de estudar tais fatos sob uma ótica feminina, feminista e representativa.

Traçaremos um percurso da literatura brasileira entre o Romantismo e o Modernismo, sob uma perspectiva de gênero, analisando essas obras literárias, de Nísia Floresta e Rachel de Queiroz, a partir destes movimentos literários, que contribuíram com a insurgência dessa vertente. Dentre os principais objetivos destacam-se: estudar o movimento romântico e o movimento modernista no Brasil a partir de uma escrita feminina; pontuar os principais acontecimentos que impulsionaram a insurgência das mulheres na literatura brasileira; e fazer um estudo comparado entre a obra “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens”, de Nísia Floresta e “O Quinze”, de Rachel de Queiroz.

O *Manifesto Romântico* de Gonçalves De Magalhães, será nosso salto inicial para o presente ensaio: a obra trata a história da literatura no Brasil, desde sua irrupção ao desfazer de laços com as influências europeias, como dito na crítica de Luiz Roberto Cairo, Gonçalves de Magalhães traçou uma história literária, uma ambiciosa proposta não de um trabalho solitário, mas coletivo, que fora findado com sucesso.

A obra de Nísia Floresta deu o primeiro passo para a insurgência do feminismo no Brasil, questionara a injustiça dos homens, e gritara pelos direitos das mulheres, tanto sua obra como sua vida pessoal é um gorjeio de luta. Um século depois, o que Nísia reclamara alcança seu auge, através de Rachel de Queiroz que, aos 20 anos, publica seu primeiro romance, “O Quinze”, com temática regionalista e uma escrita unicamente sua, Rachel vinha para quebrar os paradigmas da linguagem dita masculina.

O ensaio irá consolidar-se através do estudo comparado entre estas duas importantes obras, utilizando da perspectiva feminista que nos permitirá um olhar mais amplo sob a problemática de gênero, como o albatroz à espreita do navio.

Os conceitos analisados foram as marcas de gênero presente nos movimentos literários do Romantismo e do Modernismo, através do estudo comparado entre as primeiras obras das autoras Nísia Floresta e Rachel de Queiroz, nossa principal leitura para a pesquisa é a obra de Sandra Nitrini “Literatura Comparada, História, Teoria e Crítica”, de 1997, além disso temos os trabalhos alentados sobre Nísia Floresta de Constancia Lima Duarte (2010) e Paulo Margutti (2019), e sobre Rachel de Queiroz por Angela Harumi Tamaru (2004), Edmilson Caminha (2010), Miriane da Costa Peregrino e Victor Hugo Adler Pereira (2012) e etc.

Na pesquisa bibliográfica, não trazemos algo realmente novo, mas partimos de algo já existente em busca de um novo resultado. Para a realização deste trabalho a obtenção de dados

e informações foi feita através de leituras de trabalhos já publicados, certificando-se de sua veracidade e levando em consideração a formação, as pesquisas, e contribuições para a comunidade acadêmica já realizadas por seus autores.

No universo literário é extremamente importante que novos autores possam fazer inferência entre obras e movimentos literários, a amostra desse trabalho é justamente esse estudo entre obras e momentos, passando por uma perspectiva feminista e de gênero.

Os resultados obtidos são um recorte desses movimentos a partir da ótica feminista, em prol de ampliar os trabalhos a respeito desse tema, elevando a literatura feminina e as conquistas dos espaços feita pelas mulheres escritoras do século XIX e XX. A intenção desta pesquisa é mostrar, justamente, em termos de literatura no espaço tempo do Brasil, como aconteceu esta irrupção, em que momento o “feminismo arrombou a casa, como um ladrão no meio da noite”, fez ruído, protestou, e as mulheres tomaram para si o seu lugar de direito. (Ana Carolina Escosteguy, 1998).

2 NÍSIA E RAQUEL, AS MULHERES DO AMANHÃ.

Neste capítulo trataremos, antes da análise, de alguns aspectos das obras escolhidas, levando em consideração o contexto literário da época, os anseios das autoras, e como o feminismo se faz presente no alentado trabalho de ambas, antes, vamos conhecer melhor nossas mulheres do amanhã.

2.1. Nísia Floresta Brasileira Augusta

Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari (RN), em 1810, publicou suas obras através do pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Dentre os temas que discute, destacam-se importantes títulos sobre a mulher. Foi professora e fundadora de colégios para meninas, contribuindo com o avanço da educação feminina pelo Brasil. Suas obras deixaram uma trilha onde é possível vislumbrar o trajeto penoso que muitas mulheres tiveram que enfrentar pela conquista do direito à educação.

Triste, louca ou má, será qualificada assim quem recusar as tradições e amarras impostas pelo patriarcado ao longo dos anos: as pioneiras no desfazer de nós sofreram com diferentes tipos de retaliações, acreditamos ser por isso que Nísia Floresta nasceu através de um

pseudônimo, não para se proteger mais para se auto-afirmar, pois, trata-se de um pseudônimo feminino, reafirmando sua identidade. O primeiro desfazer de nós, na literatura, de Nísia foi justamente criar um pseudônimo feminino, já que no século XIX as autoras mulheres publicavam através de pseudônimos masculinos.

Já em sua vida pessoal, um dos momentos que lhe trazem um ar de irrupção feminista inicial, fora a decisão astuciosa que tomara aos 14 anos de idade, ao se separar de seu marido, um latifundiário de pouco saber acadêmico e cultural, Manuel Alexandre Seabra de Melo, após um ano de casamento, voltando a morar com os pais, mais tarde, por volta de 1828, após a morte do pai, Nísia passa a morar com Manuel Augusto de Faria Rocha, um estudante de Direito, vivendo em Olinda ao lado do novo companheiro Nísia ganha um ar romanticamente liberal, marcada pelo nacionalismo, defesa da liberdade, repúdio à tirania e a defesa aos direitos das mulheres, característica esta que se faz presente em seus textos e na sua personalidade.

Voltando ao pseudônimo feminino, ou melhor, vamos chamá-lo de codinome, pois, além de parecer-se com seu nome oficial tem um significado singular, segundo Margutti (2019, p.16): Nísia, como diminutivo de Dionísia; Floresta, para lembrar o sítio onde nascera; Brasileira, para afirmar seu orgulho nacionalista; Augusta, para homenagear o companheiro. Nísia, com esse simples nó desfeito configura umas das cenas mais importantes da irrupção do feminismo no Brasil, a representatividade, é preciso se ver e se enxergar para se sentir representado, Nísia Floresta foi ousada, assumiu uma segunda identidade feminina no século dos homens, a autora tinha consciência que fazia parte de uma pequena elite de mulheres letradas, e agarrou-se à luta pelos direitos femininos.

Nísia é considerada a pioneira do feminismo no Brasil porque, conforme Duarte, foi provavelmente a primeira mulher a romper com os ideais de espaços públicos e privados, publicando diversos textos em jornais, voltados para o público feminino, numa época em que a imprensa brasileira ainda estava nascendo, conseguir um espaço, sendo mulher, é de grande importância. Seus primeiros textos foram publicados no jornal “Espelho das Brasileiras”, em 1831, dedicando seus textos as mulheres pernambucanas, demonstrando grande preocupação com a educação das mulheres do século XIX, criticando o fato dos meninos receberem uma carga de conhecimento em diversas áreas, enquanto as meninas estudavam apenas noções básicas de matemática, português e bordados.

Após tornar-se viúva, Nísia, além de continuar com seu trabalho literário-acadêmico alentado, dedicou-se, efetivamente, a educação, fundando assim, em 1838, no Rio de Janeiro, o

Colégio Augusto dedico a educação de moças, com um currículo que incluía muito mais que bordados, mas sem os deixar de lado, como afirma Margutti:

Segundo Adauto da Câmara, o currículo incluía latim, caligrafia, religião cristã, aritmética, história, geografia, francês, italiano, inglês, música, dança, piano, desenho e trabalhos de agulha. Os estatutos do colégio eram minuciosos, envolvendo inclusive a relação de punições. Nísia, enquanto diretora do colégio, vinha praticar, no cenário mais amplo da Corte, suas aptidões de pedagoga, que já exercera em Porto Alegre, onde tinha se aprofundado no estudo das humanidades. Ela chegou ao Rio ostentando uma cultura invulgar para seu sexo, revelando-se, segundo Câmara, “o mais extraordinário caso de autodidatismo neste país. (MARGUTTI, 2019. p. 17.)

Esta personalidade muito à frente do seu tempo rendeu variadas opiniões a respeito do trabalho de Nísia, das mais gentis e honrosas até as mais duras e críticas. A sociedade considerava o colégio inadequado para moças, devido as suas propostas pedagógicas avançadas, o fato é que esses mesmos conteúdos eram aplicados nos colégios para rapazes, em verdade, a sociedade do século XIX não aceitava o fato das mulheres receberem o mesmo nível de educação dos homens para poder mantê-las submissas, e isto gerou uma campanha difamatória nos jornais contra o seu colégio e seus métodos didáticos. Em 1849, Nísia mudouse para Paris e o colégio foi fechado, porém, não encerrou suas atividades como escritora, produzindo muitos outros livros, poemas e artigos.

Neste ensaio, trataremos de seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, o primeiro no Brasil a tratar dos direitos das mulheres à educação e ao trabalho. Segundo Duarte, a obra trata-se de uma tradução livre de *A Vindication of the Rights of Woman*, do século XVIII, da escritora inglesa e defensora dos direitos das mulheres Mary Wollstonecraft. Já para Paulo Margutti, trata-se de uma tradução literal de *Les droits des femmes et l'injustice des hommes*, que por sua vez foi traduzida literalmente como “Woman not inferior to man”, escrita por uma certa Sophia, “uma pessoa de qualidade, (MARGUTTI, 2019, p. 23)”, considerando apenas a dedicatória “Às brasileiras e acadêmicos brasileiros” como autoria de Nísia. Já na capa do livro diz que o texto traduzido é de autoria de “Mistriss Godwin”, algo como Senhora Godwin, sobrenome do marido de Mary Wollstonecraft, o filósofo William Godwin, sendo traduzido livremente do francês para o português por Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Não nos atentaremos a discutir as problemáticas em relação a autoria original do texto, pois o que nos interessa é a tradução livre feita por Nísia, incluindo considerações sobre a

sociedade brasileira, tornando-se assim a primeira voz feminista de expressão do país, inspirando muitas outras mulheres durante diversas gerações.

2.2. Rachel de Queiroz.

Rachel de Queiroz, “a senhora do não me deixes”, nascida em Fortaleza (CE) em 1910, considerava como berço a cidade de Quixadá, onde viveu seus primeiros anos e teve as memórias que compuseram algumas de suas obras, todavia, é importante ressaltar que assim como Nísia, Rachel fazia parte de uma elite de mulheres letradas que vivia num cenário literário e político tido como erudito no século XX. Seus pais eram influentes na política (os Queiroz apoiaram o golpe militar de 64, uma contradição, pois, em 1930 Rachel militou pelo Movimento Comunista) e valorizavam a literatura, tanto é que sua mãe, ao falecer, lhe deixou de herança um acervo com quase cinco mil livros.

Rachel foi pioneira não somente nos seus trabalhos literários, mas também no cenário social e político do século XIX, apesar de não ter levantado a bandeira feminista na época, foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira de membro no Conselho Federal de Cultura, e também a primeira mulher a ser eleita membro da Academia Brasileira de Letras em 1977. Rachel é uma figura transgressora e cheia de contradições devido a época em que viveu, sua obra é um acervo itinerante a respeito da construção social da mulher brasileira, tanto na literatura quanto na sociedade.

Ainda que Rachel hostilizasse o movimento feminista no campo social, não daremos grande importância a este fato neste trabalho, pois, é necessário levar em consideração o contexto social e político da época, o tradicionalismo de sua família, e as novas manifestações feministas. Apesar disso, Rachel, nos campos literários e políticos contribuiu significativamente na história das mulheres brasileiras. Talvez sem o saber, ela era empoderadíssima, fora uma mulher de grande destaque na vida literária e política, recebendo até convites para ser ministra, foi reconhecida como escritora pelo movimento modernista e nos deixou fortes personagens femininas, e feministas, que podem ter sido a expressão de seus reais desejos enquanto mulher.

Muito antes de consolidar-se como escritora Rachel já tinha a prática literária, rabiscando em cadernos e desenvolvendo seu estilo único, que mais tarde a consolidaria como escritora e mulher pioneira na história da Literatura Brasileira, conforme afirma Cecília Maria Cunha, na fortuna crítica de Rachel de Queiroz organizada por Edmilson Caminha:

Os escritos jornalísticos da Rachelzinha são vistos aqui como “laboratório” para a elaboração ficcional. Nestes primeiros escritos de mocinha, Rachel desenvolveu recursos ou técnicas do fazer literário e esboçou assuntos que estariam presentes em sua obra posterior. É a gestação da escritora. (CAMINHA, 2010, p. 45).

Aos 16 anos, Rachel consegue seu primeiro trabalho como escritora no “Jazzband” do jornal anticlerical “O Ceará”. Sob o pseudônimo de Rita de Queluz, tinha a tarefa de selecionar colaboradores, organizar textos e produzir poemas e artigos. Aqui também iremos chamar o pseudônimo de Rachel de codinome, pois, vejamos, o codinome parece-se muito com seu nome oficial, como uma necessidade de afirmar sua existência ou revelar sua verdadeira identidade aos leitores mais astutos. Em 1927, ainda no jornal, surge a narrativa em folhetim, para alguns uma novela, “A história de um nome”, em sete capítulos.

Aos 19, 20 anos Rachel escreve seu primeiro livro “durante a noite, deitada no chão, à luz de uma lamparina a querosene, para que a suponham em sono profundo, e não a encher folhas pela madrugada afora” (CAMINHA, 2010, p.10). Os primeiros leitores de sua obra foram seus pais, Dona Clotilde e Dr. Daniel, eles pagaram para imprimir mil exemplares do livro, a obra surpreendeu, mas também gerou críticas. Graciliano Ramos considerou que Rachel de Queiroz era um pseudônimo – não da escritora, mas sim de um homem – devido à dureza das palavras e a impressionante experiência de vida (ou memórias de outras vidas) contidas no romance. Assim, surgiram boatos por todo o Ceará atribuindo a autoria da obra ao seu pai, ou pelo menos, diziam, ter sido ele a melhorar o texto da filha.

O fato é que Rachel era minuciosa nos detalhes e dura nas palavras, parecia contar a história de outrem com uma dureza humana incontestável. Esses aspectos não eram esperados de uma mulher: se no século XIX, as mulheres serviam de inspiração para os romances, no século XX, esperava-se das mulheres escritoras uma linguagem romântica, cheia de devaneios de paixão. Rachel trata a linguagem como a intimidade de quem se apropria inteiramente dela, trata o tema da seca com rusticidade, causando dor em quem lê, e, para nosso deleite, há Conceição, a primeira de suas personagens femininas a fugir do casamento, tornando-se professora, alcançando os tais desejos nisanos.

Rachel, parafraseando Angela Harumi Tamaru, acreditava que seu dever era representar a mulher de uma forma diferente da ótica masculina; para ela, personagens femininas criadas a

partir da perspectiva masculina não mereceriam crédito, já que retratam a visão dos homens, colocando a mulher como frágil e necessitada de proteção. Em sua linguagem a autora reafirma os papéis femininos com espaço para “rebeldia”, raciocínio e argumentação de modo que em seus romances, peças e crônicas esse tema é recorrente frisando a conquista de espaço pelas mulheres afim de uma melhor posição e reconhecimento.

(TAMARU, 2004, p. 417.)

A personagem de Rachel, assim como ela, consegue concretizar aquilo que Nísia defendera, o direito à educação, a ocupação dos espaços, e tratamento igualitário quanto as faculdades mentais. Neste ensaio, trataremos do seu primeiro livro, O Quinze, sob uma perspectiva feminista, a fim de tratar as marcas de gênero presentes na obra, o contexto social e literário. Nos aprofundaremos nessa leitura a partir da Literatura Comparada onde podemos ler uma coisa pela outra. Vejamos como, se há um século entre a obra de Nísia e a de Rachel, uma do romantismo e outra do modernismo, elas conversam entre si, de modo que podemos associar os feitos de Rachel como uma concretização dos anseios nisianos. Nesta perspectiva, serão essas as obras que dão vida a este trabalho.

2.3. Como a educação tornou-se um âmbito feminino.

A educação é um método próprio para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano, porém, nos séculos passados, o conceito de educação variava de acordo com o gênero do ser humano que estava sendo educado. Enquanto os homens aprendiam a ler, escrever, fazer cálculos matemáticos, política e negócios; as mulheres aprendiam a coser, bordar, cozinhar, limpar e serem submissas. A educação dessas mulheres era voltada para o lar, para os filhos e para o marido, mesmo com tantos conteúdos a mais, era como se os homens não aprendessem a cuidarem de si mesmos, como se o vazio existencial que isso causava fizesse nascer neles a necessidade de mandar em alguém.

Acreditava-se que, se estudassem, as mulheres não seriam mais capazes de cuidar da família, que a educação colocava ideais maléficis na cabeça das mulheres, que deveriam ser santas na Terra, mas, em verdade, o que se tinha medo era que a educação trouxesse o discernimento necessário para que as mulheres compreendessem as relações de poder e reivindicassem seus direitos, e foi isto o que aconteceu.

De início, o magistério era uma profissão exclusivamente masculina, já que eram apenas os homens que estudavam, eram eles também que repassavam o conhecimento. Com o passar

do tempo, e com as transformações sociais, o magistério tornou-se uma profissão feminina (mas o controle e administração das escolas continuavam sob a gerencia masculina) exigindo-se até alguns atributos considerados femininos para a realização da docência, como, por exemplo, a maternidade e a sensibilidade.

É importante destacar que foi através do magistério que as mulheres brasileiras conseguiram abrir caminho pelo mercado de trabalho, já que esta foi uma das primeiras profissões consideradas femininas, por excelência. Apesar de ter sido uma conquista memorável para as mulheres, na época lhes foi atribuída a profissão por motivos triviais aos homens, e não por capacitação intelectual, primeiramente porque a docência era uma profissão que dava para conciliar com os afazeres domésticos, segundo porque era tida como uma natividade ligada à emoção, e, assim, as profissões ligadas à inteligência seriam exclusivamente para os homens.

Um outro fator que levou as mulheres ao magistério foi o fato de poder gerar vida em seu ventre, cuidar e educar crianças. Assim, as mulheres nada mais estavam fazendo do que sendo mães de muitas outras crianças, elevando o seu “dom” divino dos lares para a escola. Muito provavelmente, a desvalorização do professor atualmente deve-se ao fato da docência ter se tornado uma atividade tida como feminina, já que vivemos numa sociedade capitalista patriarcal. Essa desvalorização nasceu junto com o magistério feminino e, conforme os tempos foram passando, ela foi se enraizando cada vez mais. Vejamos: um dos principais motivos da inserção da mulher no mercado de trabalho foi a abolição da escravatura, em 1888, surgindo assim uma nova forma de mão de obra, os assalariados. As regras do capitalismo moderno começam a repercutir na sociedade brasileira no final do século XIX, e o progresso se evidenciava pelas cidades que começaram a se industrializar, gerando novas profissões, exclusivamente masculinas.

Para se igualar às grandes potências, era necessário que a educação chegasse a todos, mesmo que de forma menos favorecida às mulheres. Para isso, o governo precisaria investir muito dinheiro, e é aí que entra, efetivamente, a participação feminina no magistério: as mulheres ganhavam menos. Os homens não aceitariam um salário menor, o governo queria gastar menos com os professores, então se fez necessário que a mulher assumisse o posto, com um discurso de que não deveria ser pelo salário, mas sim por sua “vocação natural”, já que esse dinheiro não seria para sustentar a família, papel este que caberia ao homem. Catani mostra como esse pensamento era justificado:

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia — procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres. (CATANI, 1997, p. 28-29)

Esse pensamento estava enraizado na sociedade, que acreditava que a mulher tinha um dom divino para cuidar das crianças, tendo em vista também o fato de que os homens buscavam vantagens financeiras e prestígio em outras áreas. Desse modo, as mulheres, principalmente as que vinham de uma situação financeira precária, a partir da segunda década do século XX, abraçaram o magistério.

Ainda assim, havia a distinção entre a formação dos homens e a das mulheres, e até meados de 1930 o magistério era a única profissão considerada digna às mulheres, pois não atrapalhava o cuidado com os lares, o marido e os filhos, que poderiam aproveitar também da sua instrução.

Entretanto, a gerência da educação não era exercida pelas mulheres, elas apenas lecionavam, ficando os cargos administrativos e de liderança nas mãos masculinas. Além disso, havia o controle sobre a atuação das professoras, inclusive sobre sua sexualidade, a escola continuava perpetuando a submissão feminina existente na sociedade patriarcal. Do lar, até o âmbito de trabalho, as mulheres ainda precisavam seguir um padrão imposto pelos homens para serem aceitas e respeitadas, e além disso, a ascensão profissional era quase que impossível para as mulheres, fazendo com que continuassem na carreira de professora primária por longos anos. Já os homens que se dedicavam à profissão ascendiam rápido no sistema educacional, e lhes eram reservadas as disciplinas tidas como lógicas (matemática, ciências, física, etc.) e a educação superior.

Portanto, por mais que a educação e a sociedade em si tenha se transformado ao longo dos anos, a feminilização do magistério se perpetuou, trazendo consigo a desvalorização da mulher docente, enquanto o homem se distancia das salas de aula infantis para dedicar-se as disciplinas consideradas lógicas e racionais. O patriarcado, portanto, condiciona a profissão, como podemos notar em Costa (1999), quando diz que o professor é visto como cientista, detentor do saber, e a professora como carinhosa, dedicada aos alunos.

2.4. Literatura e feminismo: os anseios presentes em Nísia e Raquel

É preciso compreender que, apesar de terem sido mulheres à frente do seu tempo, políticas e feministas, Nísia e Rachel viveram em tempos em que o feminismo não era tão plural na sociedade brasileira. Este fato causa uma dualidade paradoxal em seus discursos, nas suas obras e vida social. Nada disso diminui a importância dos seus feitos, muito menos os colocam em posições duvidosas: é totalmente compreensível se levarmos em consideração a época em que viveram, o contexto social e político.

Nísia foi uma mulher que fazia parte da elite, e teve uma formação moral construída sob o caráter religioso, levando-a a ter pensamentos conservadores em determinados momentos de sua obra, por exemplo, no seu discurso em *Direitos* ela direciona a sua fala aos homens, afim de sensibilizá-los sobre a situação excludente das mulheres, ao contrário de dirigir-se as mulheres afim de empoderá-las, mas, em alguns momentos, assim como em sua vida, há também pensamentos liberais, como quando propõe que as mulheres recebam uma educação intelectual humanista para se libertarem da opressão patriarcal.

Assim, apesar dessa dualidade do pensamento em relação à “mulher ideal”, íntegra e religiosa, instruída e capaz de usufruir de suas faculdades mentais, um dos anseios nisianos que perpassa por quase todas as suas obras é a questão da educação feminina. No século XIX, a utopia feminista que irradiava-se pela Europa e pelas Américas instaura-se nos discursos nisianos, que vê a educação como a principal maneira, e para nós a única, de haver a libertação feminina, livrando as mulheres da situação de opressão e submissão em que viviam.

O colégio fundado por Nísia trouxe grandes avanços para a educação de moças em seu tempo, incluindo conteúdos que antes não eram ensinados para as moças, como o ensino do latim, do francês, do italiano e do inglês, gramática e literaturas, geografia, história do país e educação física. Além disso, para garantir a qualidade do ensino, havia limitação do número de alunas e castigos físicos, considerados comuns na época.

Esses aspectos trouxeram várias críticas ao colégio assim como seu modelo de ensino, na época a “educação da agulha” em detrimento da instrução era tão comum e aceita socialmente que para a sociedade os conteúdos ensinados no colégio de Nísia eram considerados supérfluos e inúteis. Em uma das críticas, por exemplo, no jornal “O Mercantil”, de 2 de janeiro de 1847, houve o seguinte comentário sobre os exames finais do colégio, onde várias alunas

foram premiadas com distinção: “trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos”. (Duarte, 2010).

Afim de igualar-se às grandes potências, o país passa a adotar ideais positivistas que incluem a educação da classe trabalhadora, incluindo as mulheres, fazendo com que esse discurso machista fosse perdendo força na metade do século XIX, ainda que os conservadores insistissem em mantê-lo vivo. Na maioria da sociedade brasileira, surge o pensamento de que não era benéfico para a progressão do país que metade da sua população não fossem instruída. Nasceram os discursos entusiastas de que a mulher deve fazer parte da sociedade intelectual, acompanhado a evolução do país, participando do processo. Ainda assim permanecia a figura da mulher ideal, e todo esse entusiasmo era pautado em volta da mulher instruída que faz parte da sociedade ao lado do seu marido. Essas concepções começam a mudar a partir do início do século XX.

Rachel, uma mulher do início do século XX, teve sua instrução com base nessas novas concepções, ela também é de berço elitista, o que lhe garantiu uma educação: aprendera a ler através de manchetes nos jornais, sendo formalmente educada em casa até os 10 anos. Depois disso, passou a estudar no colégio Imaculada Conceição, tendo uma educação tradicionalmente religiosa, assim como Nísia. Nesta época, o feminismo no Brasil já enraizava-se pelas mentes femininas, assim, aos 16 anos Rachel já escrevia profissionalmente na página literária do jornal “O Ceará” sobre os modernistas de São Paulo, as conquistas feministas e a participação das mulheres na política.

Assim como as contradições aqui mencionadas sobre os discursos de Nísia, as encontramos também nos de Rachel, o que gera grande confusões nos estudos de gênero sobre sua vida e obra, uma vez que, segundo Haiduke (2008), ela mesma disse não ser feminista, revelando até um certo “horror” ao feminismo, que a fez tomar providências para que não fosse confundida com uma feminista.

Tais providências não surtiram efeito, pois a maioria dos trabalhos sobre gênero apontam Rachel como uma mulher feminista que lutou pelos direitos das mulheres, e este é mais um desses apontamentos. Consideramos Rachel feminista, e compreendemos sua frustração em relação ao feminismo, não é fácil tomar partido, posicionar-se, principalmente nos séculos passados, assumimos essa posição a partir de alguns discursos da autora, como quando diz que a mulher não deve ser tratada como um enfeite do lar e deve participar ativamente da sociedade, e de suas personagens, mulheres fortes e donas de si.

Apesar do estudo e da leitura constante a educação de Rachel foi algo que podemos chamar de momento transitório entre os ideais conservadores do século XIX e os ideais liberais e positivistas do século XX, assim há na sua obra uma tensão característica desse momento de transição, divididas entre os antigos modelos de comportamento social feminino e os avanços e conquistas das mulheres nesse sentido. Em sua educação teve acesso a diversas obras consideradas o cânone da Literatura, era poliglota e assumidamente fã dos modernistas. Assim, optou em suas obras por uma linguagem simples e direta, numa época onde as moças tinham o dever de serem doces e amáveis, uma jovem escritora com sua linguagem dura causou assombro e descrença, já que uma escrita feminina estaria destinada a ser sentimentalista e romântica. A literatura racional era exclusiva aos homens, e este foi um dos primeiros paradigmas desfeitos por Rachel.

Em sua obra, cria um arsenal de personagens mulheres que não aceitam o destino único às mulheres da época, quebrando as regras impostas pelo patriarcado, deste modo suas personagens escapam do casamento e de uma vida monótona cercada pelos serviços do lar indo de encontro a emancipação feminina, com estas personagens Rachel é considerada a pioneira da literatura feminista no Brasil, sendo este um dos motivos pelos quais consideramos Rachel como a concretizadora dos anseios nísianos no século XX: uma mulher que usufruiu da educação que Nísia sonhara para todas as mulheres e deu continuidade à busca da liberdade feminina, no próximo capítulo compreenderemos melhor esta posição.

3 ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS

Nesse capítulo, faremos o estudo comparado entre as obras aqui citadas, mas, antes, nos aprofundaremos nos assuntos discutidos em cada uma delas, na ficção e na não-ficção, para então compreendermos como obras tão distintas em tempo e espaço conversam entre si.

3.1. Os movimentos Romântico e Modernista, no Brasil.

Antes de nos atentarmos ao estudo das obras é interessante compreendermos como se deram os movimentos Romântico e Modernista pelo Brasil, ressaltando que este ensaio preocupa-se com as marcas de gênero e apenas remetem-nas ao momento literário nos quais

estavam inseridos, pois nossa preocupação é feminismo, gênero e a luta das mulheres pelo direito à educação e à literatura.

No século XVIII nasce o Romantismo na Alemanha, um movimento forte e inovador, apresentando novas estéticas e políticas. O Romantismo trazia a ideia do “eu autor”, não se imitava mais outros autores, pois a ideia era ser original (ou pelo menos, parecer), os escritores do século XIX, no Brasil, vão usar a literatura como laboratório humano e escrever de forma investigativa.

Em 1836, Gonçalves de Magalhães, vivendo como diplomata na França, lança numa revista chamada Niterói um ensaio que ficou conhecido como *Manifesto Romântico*: manifesto é expor ideias criadas por si próprio, uma tomada de posição que perpassa todas as expressões artísticas. O tema marco do Romantismo Brasileiro é o exílio – o exílio imaginário – uma metáfora à saudade da terra natal, como no caso da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias – é um sentimento.

A literatura é a memória de um povo, conceito romântico presente no *Manifesto Romântico*, que trata também do conceito de nação. A literatura registra, através do tempo e espaço, as ideias de um povo e o que ele fez de mais heroico e sublime, mas também registra suas rasuras, desumanidades e perversidades. Ela tem um papel histórico que nos permite compreender como vivia um determinado povo, social e culturalmente, há milhões de anos atrás se tivermos livros, artigos ou poemas escritos na época, assim, a literatura é também um documento histórico, que revela a evolução de um povo através do tempo e do espaço, e em vários âmbitos, como o social, o político, o mental, o amoroso, os preconceitos, etc., está tudo registrado nas linhas, e entrelinhas, da literatura.

Todos os povos têm uma literatura que podem chamar de sua, com autores que enobrecem seus países, sua cultura e suas vitórias, mas, de início, toda a construção literária passa por um processo de influências vindo de um outro lugar. No Brasil, a influência europeia foi quem ditou nossas primeiras amostras literárias, pois um país colonizado tende a seguir os ideais de seu colonizador por vários campos, inclusive na literatura. Antes de se encontrar numa tridimensionalidade brasileira, a literatura do Brasil seguia modelos clássicos da literatura europeia em vários aspectos.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar a literatura como uma linha do tempo, de fatos e acontecimentos que impulsionaram a luta das mulheres até alcançar o direito à literatura. No

Brasil, a literatura só se tornou de fato brasileira com o Romantismo¹, numa tentativa de romper laços com as influências europeias, dispondo-se a pensar o “ser brasileiro”. Ainda assim, esse movimento de ruptura pode ser chamado de passo inicial, pois, foi somente no modernismo que esta sensação de ruptura com as influências europeias ganharam concretude, pois os autores românticos preocupavam-se mais, talvez numa tentativa inerente de mostrar o que é ser brasileiro, com traços de brasilidade, apegando-se a descrições detalhadas do ser brasileiro voltado mais para vivências sociais, culturais, étnicas e políticas; e estudar a mente desses brasileiros, seres tridimensionais, dotados de grande complexidade, perspectiva essa que foi adotada somente no Modernismo.

Foi nesse momento que o indígena brasileiro ganhou um espectro de herói nacional, a ideia é deixar de lado o cenário europeu e resgatar o que é de fato brasileiro, mesmo tendo sido subjogado e escravizado no período colonial, agora ele é o herói romântico do Brasil, símbolo de força, masculinidade e romantismo, mas, ainda assim é retratado como seguidor dos não-indígenas. Em algumas obras, no entanto, como em *O Ubirajara*, de José de Alencar, ele aparece como protagonista, sem espaço para os não-indígenas na obra.

Durante esse período literário do Brasil, que é no século XIX, o protagonismo nas obras românticas é voltado para as mulheres, são elas a inspiração de páginas inteiras de amor languido e pueril, e todas essas descrições e aspectos através da perspectiva masculina. Logo, a mulher romântica era retratada como tola e apaixonada, submissa e às vezes como a ruína dos homens. Nessa época, as mulheres não tinham direito à literatura, foram poucas mulheres que conseguiram espaço sem utilizar de pseudônimos masculinos, dentre uma massa de mulheres submissas, analfabetas e anônimas. Nísia pode ser considerada a primeira a fazer um registro relacionado com intenções de prestigiar a mulher brasileira e lutar por espaço, por isso, foi considerada a precursora do feminismo no Brasil e na América Latina, e é a autora escolhida para representar esse momento da historicidade literária brasileira.

Foi somente no século XX, com a insurgência do Modernismo, que o espaço para a mulheres ganhou notoriedade. A semana de Arte Moderna, por exemplo, em 1922, teve como suas principais precursoras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, se no século XIX é o momento de luta das mulheres, no século XX elas ganham forças principalmente com as sufragistas². Nesse momento, os artistas brasileiros queriam romper totalmente com os elos que

¹ Conceito presente no *Manifesto Romântico* de Gonçalves de Magalhães.

² As "suffragettes" (em português, **sufragistas**), primeiras ativistas do feminismo no século XIX, eram assim conhecidas justamente por terem iniciado um movimento no Reino Unido a favor da concessão, às mulheres, do direito ao voto.

ligavam a literatura brasileira com a literatura europeia, agora, ao contrário de importar literatura os escritores queriam exportar, levando a literatura brasileira a um cenário de prestígio internacional, valorizando a cultura, as festas, a comida, os dizeres, o ser brasileiro. Oswald de Andrade publicou os manifestos do movimento modernista – inspirado na obra de sua companheira Tarsila do Amaral – Manifesto Pau Brasil e Manifesto Antropofágico.

3.2. Nísia floresta: o manifesto da educação feminina.

Em *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Nísia Floresta direciona seu discurso aos homens, afim de sensibilizá-los em relação à situação excludente da mulher na sociedade e principalmente na educação. Este direcionamento do discurso já nos traz uma primeira ideia de que, para haver a emancipação feminina, de início seria necessário que os homens cedessem espaço. Entretanto, a autora diz que considera os discursos masculinos em relação às mulheres, esdrúxulos e suas expressões, ridículas. Nesta primeira parte do texto, *Que caso os homens fazem das mulheres, e se é com justiça*, a obra trata da forma como os homens enxergam as mulheres: “os homens parecem concluir que todas as outras criaturas foram formadas para eles, ao mesmo tempo em que eles não foram criados senão quando tudo isso se achava disposto para seu uso”. (FLORESTA, *apud* DUARTE, 2010, p. 81).

Para a autora, e nós também partilhamos dessa concepção, havendo ponderação nela, é certo que se provará os homens terem sido criados a nosso uso, e não nós aos deles:

É verdade que o emprego de nutrir as crianças nos pertence, assim como a eles unicamente pertence o de gerá-los; se este último lhes dá algum direito à estima e respeito públicos, o primeiro nos deve merecer uma porção igual, pois que o concurso imediato dos dois sexos é tão essencialmente necessário à propagação da espécie humana, que um será absolutamente inútil sem o outro. (FLORESTA, *apud* DUARTE, 2010, p. 82).

A autora indaga que direito teriam os homens de desprezarem as mulheres pelo simples fato de gerar a vida, olhando com descaso para o exercício de criar os filhos, se eles também participam da concepção. Tão somente por esse atributo, Nísia considera que as mulheres merecem o primeiro lugar na sociedade civil, pois, não há atividade mais honrosa que esta, já

que os homens se interessam apenas por ocupar lugares de prestígio na sociedade e são as mulheres que preparam os meninos, no cuidado de criar e educar, logo, são elas as responsáveis por os tornarem cidadãos. Já de início podemos comparar esse discurso com o da personagem de Rachel, em *O Quinze*, Conceição, que ao dedicar-se pela educação desempenha também um papel emocional e materno.

Todo este capítulo traz um discurso de indignação, mesmo que seja a sensibilizar os homens, a autora se mostra indignada e até mesmo irritada com a forma que as mulheres são vistas e tratadas. Para Nísia, as mulheres são indispensáveis à sociedade, toda conjuntura social cairia por terra sem as mulheres, sendo elas o pilar principal da vida social. Noutro momento, exaltando o papel da mulher na família a autora compreende que se somos capazes de desempenhar um dos papéis mais importantes na sociedade, também somos capazes de desempenhar muitos outros. Os homens são complacentes com essa ideia levando em consideração seus interesses mais ordinários, pois, assim, restringem todos os outros talentos possíveis ao ser humano, na órbita da servidão, a satisfazer os caprichos masculinos.

Para manter-se nessa posição, exercendo sua autoridade imaginária, dizemos imaginária porque mesmo tendo mulheres submissas este fato não é por falta de capacitação mental, mas sim por imposições da sociedade e de visões distorcidas da realidade postas por homens que se sentiam amos de suas mulheres, assim os homens poderiam ter apenas duas saídas: regular suas ordens de acordo com suas paixões, ou de fazer a razão falar por sua boca, fazendo com que as mulheres os sigam por pura obediência.

Posto isso a autora nos faz pensar que na época havia mulheres que se submetiam a essa doutrinação masculina de acordo com os discursos de seus companheiros, é por isso que a educação seria a saída dessa vida de submissão, pois, só a partir da instrução seriam capazes de compreender a importância do seu papel na sociedade, deixando de lado as convicções impostas por homens que sentiam a necessidade de serem seguidos e servidos.

Em *O Quinze*, é justamente a educação que afasta a personagem principal dos ideais femininos da época, o casamento e os filhos, levando-a um patamar do querer mais e fazer mais, por isso dá-se a escolha do professorado.

Outro fator que indigna a autora é o fato das mulheres trabalharem em vão a vida inteira, já que os trabalhos do lar não eram, e ainda hoje não são, considerados verdadeiramente como trabalhos dignos, além de não terem remuneração. Sendo assim, são tratadas como escravas dos homens, onde sua única obrigação é lhes serem submissas, por isso a profissionalização feminina é um outro campo que trouxe prestígio às mulheres. Rachel de Queiroz foi uma das

primeiras escritoras brasileiras a compreender esses aspectos, para ela o ser escritora devia ser tratado como uma profissão e não como uma atividade subjacente a outro cargo, ela afirma “escrever é a minha profissão”, este é um dos aspectos que nos faz acreditar ter sido ela a conquistar muitos dos anseios nísianos, tanto em vida quanto em literatura com suas personagens.

Na segunda parte do manifesto da educação feminina, *Se as mulheres são inferiores ou não aos homens quanto ao entendimento*, a autora traz discussões a respeito das faculdades mentais das mulheres, onde os homens consideram as mulheres seres incapazes de exercer na reflexão, considerando as mulheres inimigas da reflexão, capazes de pensar apenas por um arrebatamento qualquer do exterior e não por decidida realização do pensamento.

Para contrapor esta acusação, a autora usa uma experiência comum da época, quando as mulheres jovens eram colocadas aos cuidados de uma mãe de família e logo tornam-se senhoras da casa, comandando o comportamento de todos que ali vivem, enquanto isso, os homens em mesma idade se encontram em ouvir os princípios de um mestre, sem serem capazes de cuidar da própria higiene, alimentação ou muito menos do próprio pensamento. Assim, a autora considera que o único fato dos homens impedirem as mulheres de adentrarem pelos caminhos da ciência é que: “então se deve supor os homens invejosos e pode-se dizer, sem temeridade, que a única razão porque nos fecham o caminho às ciências é temerem que nós as levemos à maior perfeição que eles”. (FLORESTA, *apud* DUARTE, 2010, p. 90).

De tal modo, a única diferença que havia entre o desempenho intelectual entre homens e mulheres dava-se pelo campo da educação, das oportunidades e do exercício. A ciência era considerada inútil às mulheres, pela razão delas não participarem dos cargos públicos, espaço exclusivo aos homens, gerando um círculo vicioso afim de manter as mulheres submissas. Lhes era negado a ciência por não ocuparem cargos públicos e lhes eram negado os cargos públicos por não terem ciência, eis a injustiça dos homens:

Eles bem conhecem a injustiça que nos fazem; e esse conhecimento os reduz ao recurso de disfarçar a má fé à custa de sua própria razão. Porém deixemos falar uma vez a verdade: por que se interessam tanto em nos separar das ciências a que temos tanto direito como eles, senão pelo temor de que partilhemos com eles, ou mesmo os excedamos na administração dos cargos públicos, que quase sempre tão vergonhosamente desempenham? (FLORESTA, *apud* DUARTE, 2010, p. 94).

Durante todo o texto, a autora aponta essa relação de medo, ou inveja, dos homens para com as mulheres, colocando a condição de exclusão feminina como um meio para que os homens não

perdessem o controle de tudo e todas as coisas, o que é bem verdade, enquanto as mulheres ficassem em casa, sem instrução e sem participar ativamente da sociedade a supremacia masculina se manteria intacta.

Na terceira parte do texto, *Se as mulheres são naturalmente capazes de ensinar as ciências ou não*, trata de defender a ideia de que as mulheres são perfeitamente capazes de praticar o exercício da docência, afirmando que as mulheres tem um talento natural para com a retórica e a eloquência, sendo até muito melhores que os homens nesse aspecto, afirmando que nem toda a oratória das escolas seria capaz de dar a um homem a eloquência e a facilidade de se expressar que as mulheres possuem. O que o machismo fazia-os chamar de “superfluidade de palavras”, nada mais era do que uma prontidão de ideias e uma facilidade em discursar, comprovando que as mulheres era sim capazes de usufruir do pensamento, da lógica e da razão, como diz Nísia, a exclusão da mulher dos espaços acadêmicos era arraigada por um medo obsoleto das mulheres conquistarem cada vez mais espaços, dissipando a emancipação masculina.

A partir destas colocações a autora afirma, mais à frente, e mais uma vez, que se as mulheres possuem a eloquência mais comunicável que os homens, são também tão capazes de ensinar as ciências quanto eles, submetendo a falta de mulheres nas cadeiras nas universidades, não por falta de interesse ou capacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se mantinham nesses espaços em prejuízo das mulheres, distanciando-as da vida pública.

Não se nos disputa o talento natural de explicar, e desenvolver os trabalhos os mais difíceis e complicados de bem estabelecer nossas pretensões, e as dos outros, de descobrir o fundo de uma dificuldade e de pôr em prática todos os meios capazes de nos fazer obrar justiça: isso basta, creio, para provar que, se questiona-se de satisfazer as funções de advogado, juiz, magistrado, nós apresentaríamos uma capacidade para esses trabalhos, de que bem poucos homens são susceptíveis. (FLORESTA, apud DUARTE, 2010, p. 96).

Para Nísia, as mulheres demonstravam terem nascido para ensinar, podendo exercer o magistério com excelência, fato que viria a se concretizar mais tarde, já na metade do século XIX, quando as mulheres assumiram o magistério. Em toda essa parte do texto, a autora defende os direitos das mulheres à educação, à ciência e ao magistério. Sempre exaltando a perfeição e a facilidade com que as mulheres lidavam com a vida, colocando os homens como meros entusiastas ambiciosos, incapazes de concretizar os próprios anseios, submetendo quase que uma vida inteira para cumprir um único objetivo, na visão de Nísia, quando as mulheres

conquistassem o seu espaço a funcionalidade da vida moderna, o progresso e a ciência avançariam gradativamente, já que as mulheres são muito capazes em cumprir aquilo que lhes é posto: “eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto como os homens”.

(FLORESTA, apud DUARTE, 2010, p. 100).

Na conclusão da obra a autora diz não querer colocar mulheres contras homens, mas sim coloca-los em grau de igualdade em todos os campos, principalmente na educação e nos cargos públicos, fazendo com que os homens eliminem de suas mentes esse estado vicioso de verem as mulheres como seres desprezíveis, afirmando que é justamente a falta de educação que fazem algumas mulheres cumprirem atitudes que os homens reprovam, pois, sem instrução não há planejamento da ação, logo, são eles mesmo que deturpam a vida em sociedade por causa de seus preconceitos, opressão e violência.

A autora se mostra satisfeita com seu trabalho, julgando ter demonstrado o suficiente como os homens acusam, e tratam, injustamente, as mulheres, atribuindo a si mesmo tanta confiança. Nísia volta a afirmar os direitos das mulheres aos empregos públicos, afirmando que a natureza deu um “gênio” para ambos, tão capaz de preencher os corações de virtudes como a mente de ciência, e galga um desejo muito maior, vê a mulher em plena ascensão no país: “nós temos espírito, força e coragem para defender um país e bastante prudência para governa-lo”. (FLORESTA, apud DUARTE, 2010, p. 106).

Em última palavra, a autora diz que as mulheres já fazem muito sem o aparato educacional, e de que muito mais seriam capazes se fossem tratadas com justiça, sendo necessário obrigar os homens a enxergar seus feitos e envergonhar-se de si mesmos perante a tanta injustiça quem praticam, para enfim a sociedade enxergar que todas as mulheres merecem um tratamento digno e são plenamente capazes de serem o que quiser.

Esta obra, para nós, é o manifesto da educação feminina no Brasil, o salto inicial do feminismo brasileiro, que denunciou injustiças e cobrou direitos para as mulheres, elevando a figura feminina a um papel de prestígio. Mas esses direitos só se concretizaram muitos anos depois, a seguir, neste ensaio, temos uma amostra de alguns direitos conquistados no século XX pelas mulheres, que haviam sido reclamados por Nísia, tanto na obra quanto na vida da autora, Rachel de Queiroz.

3.3. Rachel de Queiroz: o manifesto da liberdade literária.

Rachel de Queiroz inicia sua carreira literária com *O Quinze*, de modo pioneiro, tanto por suas atitudes, como pelas atitudes da personagem principal, Conceição, como dito anteriormente, a primeira de uma galeria complexa e rica de personagens femininas que não aceitaram o “destino de mulher”, escolhendo viver fora das regras do patriarcado. A obra de Rachel vai, desta forma, muito além de seu tempo e da temática da seca.

Neste ensaio daremos enfoque às marcas de gênero presentes nessa obra do modernismo, o aclamado romance de 30. De início, temos uma característica que nos possibilita essa leitura entre *Direitos* e *O Quinze*, presente no discurso na obra de Nísia e na vida de Conceição: ambas têm uma preocupação com o social, com a visão da mulher na sociedade, ao mesmo tempo que formam sua personalidade de mulher independente.

Entre a fazenda da “Mãe Nácia”, sua avó, e os campos de concentração dos refugiados da seca, Conceição faz saltos temporais e filosóficos, de maneira que suas reflexões pessoais passam para um campo coletivo devido a integração social presente nos campos de concentração, e assim ela encontra seu lugar de resistência feminista.

Um dos primeiros rompimentos com o patriarcado que Conceição faz, é em relação a um dos padrões mais comuns da época, o casamento. Ela não aceita a condição de viver de maneira submissa a um marido, essa decisão é mais que um rompimento social, ela é ideológica, e nos traz uma ideia da resistência feminista a se esperar da personagem ao longo da obra. Em *Direitos* umas das preocupações da autora é o enclausuramento feminino, privando-se da vida social ativa, Conceição representa esse aspecto pois além das causas feministas ela se envolve diretamente com o caos social quando decide atuar nos campos de concentração, além dos conflitos interiores ela se sensibiliza com a situação dos retirantes projetando ali seu local de resistência. Além disso, em *Direitos*, a autora sempre afirma que será através da educação que as mulheres sairão da submissão e encontrarão realização pessoal fora da maternidade e do casamento, e é através da educação e da docência que Conceição consegue conquistar espaço na esfera pública.

Aos poucos, vamos construindo uma imagem de Conceição em nossas mentes, primeiramente como leitora na fazenda do logradouro: “Foi à estante. Procurou, bocejando, um livro. Escolheu uns quatro ou cinco, que pôs na mesa, junto ao farol. Aqueles livros — uns cem,

no máximo — eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite” (QUEIROZ, 1930). Assim, vamos de encontro aos conflitos internos das personagens com suas perspectivas ideológicas através de suas leituras, que para a avó foi quem colocou as “ideias distorcidas” na cabeça da neta: “no plano pessoal, Conceição tem uma formação cultural responsável por sua recusa do “destino de mulher”. (XAVIER, 1998, p. 35).

Há um único momento na obra em que podemos perceber uma reação conflituosa entre a vida amorosa da personagem, quando seu primo, Vicente, tem um suposto envolvimento com uma mulher da região. Demonstrando sentir um amor platônico pelo personagem, respondendo a esse ímpeto com o afastamento, e mantendo essa relação apenas no plano platônico, apesar desse sentimento ser correspondido, mostrando novamente que o viver sozinha é uma escolha ideológica da personagem. Voltando ao tema do enclausuramento feminino, Rachel também partilhava das ideias de Nísia e considerava um absurdo mulheres serem tratadas como enfeites do lar, trazendo esse aspecto para o pioneirismo de Conceição nos deslocamentos sociais femininos, já que vive entre a capital (Fortaleza), onde trabalha como professora, e o sertão (Quixadá), local em que fora criada por sua avó, uma escolha estética de resistência.

Deste modo, os deslocamentos da personagem podem ser vistos muito além da questão espacial, podendo ser vistos como uma viagem cultural, entre os espaços que ela ocupa, é possível perceber questões pertinentes ao feminismo, como a docência, a atuação social, a leitura, assim as questões de gêneros surgem de maneira subjetiva por trás da protagonista, de maneira, muito provável que só as mulheres devem ter entendido com melhor clareza que se travava de uma feminista.

Um aspecto da personalidade de Conceição que é interessante para nós, é a clareza com que ela vê a si mesma, isto significa que, mesmo tendo dilemas internos ela não deixa de ser uma criatura política, que transita entre diversos espaços e consegue ter um olhar sensível ao outro, como quando convence a vó a mudar-se para Fortaleza, fugindo dos ares da seca, quando auxilia nos campos de concentração, e quando aflora sua maternidade a amadrinhar uma criança chamada Juquinha.

Em *O manifesto da educação feminina*, como chamamos *Direitos*, a autora vale-se da maternidade para afirmar que as mulheres são extraordinárias e capazes de cumprir muitas outras funções, apesar de ligá-las principalmente ao magistério. Conceição consegue concretizar esse anseio, pois além de professora, e sem a necessidade de uma figura masculina, no desdobrar-se da obra vai surgindo sentimentos estimáveis e maternais em seu seio em relação

a Juquinha. Quando este encontra-se muito doente ela decide adotá-lo e salva a sua vida, mesmo a personagem não se considerando verdadeiramente mãe da criança, ela se sente muito orgulhosa por criar um filho. Tanto a nossa personagem, quanto as autoras dessas duas obras que aqui estudamos, não abriram mão da maternidade, decidindo elas mesmas que a queriam, sem pressões exteriores, reafirmando o que Nísia nos propôs enquanto a capacidade feminina de gerar, educar, se profissionalizar e ocupar cargos públicos. Portanto, a maternidade de Conceição é uma escolha social, indo mais para uma questão humanitária do que pessoal, já que seu afilhado não conseguiria viver sozinho, por isso ela sente satisfação nesse feito, pois, ver a maternidade de maneira racional, mais uma vez mostrando que Nísia estava certa, as mulheres podem ser emocionais e reacionais, uma coisa não interferindo na outra.

Nas obras de Rachel de Queiroz é possível perceber que as personagens terminam com histórias amorosas mal resolvidas, ou deixadas de lado, dando sempre mais importância para a vida pessoal das mesmas, não por falta de otimismo, mas talvez por uma clareza de como seria a vida de mulheres independentes no século XXI, onde podemos observar que há um número significativo de mulheres que escolhem a si mesmas do que viver algum tipo de romance. Em entrevista, Rachel fez uma fala efetiva de nossos ideais quanto a esta escolha estética presente em suas obras: “podem escandalizar-se os sociólogos e toda gente mais: para o século XXI, eu prevejo a vitória social das mulheres. As mulheres deixarão de ser o elemento secundário na sociedade e na família para assumir a vanguarda de todos os atos e de todos os acontecimentos. (...) Como já salientei, tudo indica essa evolução sensacional: as mulheres penetrando em todos os setores da atividade masculina. (...) E eu só queria viver mais 100 anos para ver a reabilitação definitiva das mulheres, tão certo como 3 e 3 são 6 “.

(QUEIROZ, 1940).

A partir dessas reflexões, podemos compreender como a construção da personagem Conceição é pioneira nas obras de Rachel, a partir dela muitas outras personagens terão essas posições estéticas e políticas, construindo a imagem feminina fora do patriarcado de as convenções sociais do que é esperado para uma mulher.

Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira de membro no Conselho Federal de Cultura, e também a primeira mulher a ser eleita membro da Academia Brasileira de Letras em 1977, rompendo com a exclusão das mulheres na Academia Brasileira de Letras, considerava escrever sua profissão; Conceição era professora, prestava serviços sociais, era vista com prestígio, não considerava o casamento uma ascensão, fez-se mãe através

de uma escolha humanitária e racional. Aqueles desejos, ou melhor, direitos com os quais Nísia sonhara a um século atrás (séc. XIX) foram enfim concretizados (séc. XX).



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas mulheres, essas senhoras, essas meninas com quem nos esbarramos nos espelhos casuais, uma na educação básica e outra educação na educação superior, lutaram através da literatura pelo desprender das regras, pela conquista dos espaços, da educação e da emancipação feminina, deixando uma trilha possível para milhares de outras mulheres que hoje, no século XXI, ocupam cargos públicos, as salas de aulas, as ciências, as universidades, as empresas, o mundo.

Graças a elas, e a milhares de outras, nós, mulheres do século XXI, pudemos usufruir de conquistas do século XX, como o direito ao voto, em 1932, que teve como uma das principais articuladoras do movimento a bióloga Bertha Lutz, tendo sido uma das idealizadoras do Partido Republicano Feminino, no poder lutou para mudar a legislação trabalhista, tratando-se do trabalho feminino e infantil no Brasil; a pílula anticoncepcional, em 1961, que causou uma revolução sexual, discutindo os ideias dos costumes sociais e a liberdade sexual; já no século XXI, a criação da Lei Maria da Penha, em 2006, quando Maria da Penha Maia Fernandes lutou na justiça para que seu agressor fosse condenado, sua luta deu origem a lei 11.340 que aumentou o rigor nas punições para violência doméstica ou familiar no Brasil.

Todos esses aspectos contribuíram com a insurgência de muitas autoras femininas no século XX, por isso o consideramos o século das mulheres, onde as escritoras saíam de um quadro de negação para um quadro de prestígio, podemos citar: Lygia Fagundes Telles (1923), recebeu o Prêmio Camões em 2005 e também é membro da Academia Paulista de Letras desde 1982, da Academia Brasileira de Letras desde 1985 e da Academia das Ciências de Lisboa desde 1987; Lygia Bojunga (1932), recebeu em 1982, o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio literário infantil do mundo; Adélia Prado (1935), professora por formação, exerceu o magistério durante 24 anos, seus livros mais famosos são *Bagagem*, *O Pelicano* e *Miserere*. Então, além de exercer a arte da escrita, dedicou-se à educação, o que nos faz mais felizes ainda em ressaltar que os anseios nísianos foram cumpridos por outras mulheres além de Rachel; Hilda Hilst, (1930-2004), poeta, ficcionista, cronista e dramaturga brasileira, é considerada uma das maiores escritoras em língua portuguesa do século XX; Cora Coralina (1889- 1985) considerada o destaque da poesia do estado de Goiás. Em 1903 já escrevia poemas sobre seu cotidiano, tendo criado, juntamente com duas amigas, o jornal de poemas femininos "A Rosa". Em 1910, seu primeiro conto, "Tragédia na Roça", foi publicado no Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás; Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), mulher

negra e favelada, publicou sua primeira obra “Quarto de Despejo” em 1960, foi a primeira escritora negra do Brasil a vender mais de um milhão de cópias.

Um outro desejo de Nísia também foi concretizado: “nós temos espírito, força e coragem para defender um país e bastante prudência para governá-lo”. (FLORESTA, apud DUARTE, 2010, p. 106). Desta vez, por Dilma Vana Rousseff, uma economista e política brasileira, primeira presidente mulher do Brasil, tendo exercido o cargo de 2011 até seu afastamento por um processo de impeachment em 2016.

Assim concluimos este ensaio, e nos damos por satisfeitos por fazer essa leitura entre obras com um século de diferença, com autoras tão peculiares e a frente de seu tempo, que abriram caminho para muitas outras mulheres ocuparem lugares de prestígio na sociedade brasileira.



5. REFERÊNCIAS

Obras analisadas:

FLORESTA, Nísia. **Direito dos homens e injustiça das mulheres**. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. José Olympio, 1930

Referencial teórico:

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais**. 1998.

ANZALDUÁ, Gloria. **Como domar uma língua selvagem**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009. Traduzido por: Joana Plaza Pinto Karla Cristina dos Santos Revisão da Tradução: Viviane Veras.

CANDIDO, Antônio. Ensaio “O direito à literatura”, no livro “Vários escritos”. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAMINHA, Edmilson. **Rachel de Queiroz: a senhora do não me deixes**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2010.

CATANI, D. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

COSTA, M. V. **O magistério e a política cultural de representação e identidade**. In: BICUDO, M. A.; SILVA JÚNIOR, C. (Orgs.). **Formação do Educador e Avaliação Educacional**. v. 3, São Paulo: UNESP, 1999.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana. 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais**. REVISTA FAMECOS: publicação do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPGCOM/PUCRS.

HAI DUKE, Alessandro Andrade. **Chão Partido: conceitos de espaço nos romances O quinze de Rachel de Queiroz e A bagaceira de José Américo de Almeida.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná. 2008.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Discurso sobre a história da literatura do Brasil.** Manifesto publicado na revista Niterói, em 1836.

MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências.** Porto Alegre, RS: Editora Fi. 2019.

NITRINE, Sandra. **Literatura Comparada, História, Teoria e Crítica.** Edusp, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

PEREGRINO, Miriane da Costa. PEREIRA, Victor Hugo Adler. **A (im)pertinente: questões de gênero e engajamento na literatura de Rachel de Queiroz.** Editora Assis. 2012.

TAMARU, Angela Harumi. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz.** Sínteses – revista dos cursos de pós-graduações. 2004.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

Sites:

As conquistas das mulheres no século XX:

<https://legisclub.org.br/lcb/conteudo/rep/asconquistas-das-mulheres-no-seculo-xx>. Acesso em 02/12/2019.

Alguns destaques femininos na literatura brasileira:
<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/alguns-destaques-femininos-na-literaturabrasileira.htm>. Acesso em 02/12/2019.